

FUNARO FALA MUITO

O Brasil acaba de conseguir sua primeira vitória no embate da dívida externa, que foi o fato de trazer para a discussão do assunto os governos dos países desenvolvidos, afirmou ontem o presidente Sarney ao ministro da Fazenda, depois de ouvir de Dilson Funaro um amplo relato sobre sua recente viagem ao Exterior para explicar a autoridades governamentais e banqueiros os motivos que levaram o País a suspender o pagamento dos juros da dívida externa.

A saída do gabinete presidencial, no Palácio do Planalto, o ministro afirmou que não haverá novo congelamento de preços nem outro choque na economia. Segundo Funaro, o caminho a seguir agora é o da economia de mercado. Disse que os rumores sobre o re-congelamento somente servem para ativar a inflação, pois diante deles os empresários aumentam os preços além do necessário.

O ministro disse que no Exterior o Brasil não está encontrando nenhuma dificuldade para a rolagem dos créditos de curto prazo (ao todo, US\$ 16 bilhões). Acrescentou acreditar que a garantia dessa rolagem automática (que termina dia 31) será renovada pelos banqueiros por prazo indeterminado.

Funaro disse que encontrou no Exterior muita compreensão sobre o problema da dívida brasileira, ressaltando que todas as autoridades com quem se avistou concordam em que o País não pode parar de crescer. E é em função dessa opção pelo crescimento econômico, explicou, que o Brasil não voltará jamais a aceitar um monitoramento do Fundo Monetário Inter-

Depois de fazer um balanço de sua viagem aos EUA, Europa e Japão ao presidente Sarney, o ministro falou ontem que o País não está encontrando dificuldades para rolar os créditos de curto prazo; falou que não haverá um novo re-congelamento de preços; que o caminho a seguir agora é o da economia de mercado; garantiu que encontrou muita compreensão no Exterior sobre os problemas da dívida brasileira; e que não haverá recessão.

nacional (FMI): "Aquele receita de provocarmos recessão, gerando excessões exportáveis, para com isso elevarmos o superávit comercial do País e, deste modo, poder pagar a dívida externa, é coisa que o Brasil não vai mais aceitar; isso é coisa do passado".

O próximo passo na busca de uma solução para a questão da dívida externa, segundo Funaro, é aprofundar a discussão sobre novos mecanismos de financiamento que permitam ao País tranquilidade para os próximos quatro ou cinco anos. E isto será feito já no dia 8 de abril, na reunião do Comitê Interino do FMI, em Washington, com a participação dos ministros

da Economia de todos os países que integram aquela entidade.

Funaro respondeu às afirmações ao presidente do Banco Mundial, Barber Conable, de que o Brasil necessita de um plano de estabilização econômica, deixando de lado as improvisações:

"Nós sabemos o que queremos. Não queremos que o Brasil volte à situação de 1982. Eu tenho um plano para o Brasil: é o plano de fazer este país continuar crescendo. Aceitar programas recessivos não é, decididamente, o caminho brasileiro. Nossos problemas internos serão resolvidos por nós mesmos. Mas o que nós não podemos resolver são os problemas mundiais, co-

mo o da dívida externa, e por isso fomos lá fora dar sugestões e discutir um plano para a economia mundial, que somente surgirá com o entendimento entre todos os países devedores e credores. Não podemos ignorar que o mundo viveu uma crise depois de 1980 e ficar imaginando que esta crise pode ser resolvida somente pelos países devedores. E acho que encontrei boa receptividade lá fora sobre estas colocações" — disse o ministro.

O ministro disse acreditar na retomada dos investimentos nacionais e estrangeiros no País. Mas não na necessidade de medidas específicas para se conseguir isto. Para ele, os investimentos, quer

nacionais, quer estrangeiros, serão relativados normalmente quando o País conseguir estabilizar sua economia e resolver a questão da dívida externa.

Para o ministro, é difícil ainda prever quando a inflação brasileira vai cair, entendendo, contudo, que "o pior já passou", referindo-se à inflação de janeiro, de 16,82%. Para fevereiro, Funaro disse esperar uma inflação menor, entre 13 e 14%, ou um pouco mais.

De qualquer modo, acredita que daqui para a frente a inflação começará a arrefecer. O processo de realinhamento de preços está praticamente concluído, disse Funaro, ressalvando, entretanto, que

os empresários continuarão a ser convocados pelo CIP (Conselho Interministerial de Preços) e pela Seap (Secretaria Especial de Abastecimento e Preços) para discutir quaisquer aumentos.

Funaro disse ainda não conhecer o plano alternativo de estabilização econômica elaborado pelo ministro João Sayad, do Planejamento. Segundo ele, ao deixar o País, Sayad ainda não havia concluído o plano. Este já está em sua mesa e será analisado ainda esta semana e em seguida discutido com o ministro do Planejamento, acrescentou. Interpelado sobre a questão das greves, Funaro fez um apelo aos empresários e aos trabalhadores para que busquem sempre, em primeiro lugar, o diálogo, evitando as decisões extremadas.

O senador Afonso Camargo, do PMDB do Paraná, apresentou ontem requerimento de convocação do ministro Dilson Funaro para esclarecimentos sobre a crise do Plano Cruzado e os motivos que levaram o governo a decretar a moratório da dívida externa. Se o pedido for aprovado pelo plenário, caberá aos partidos que integram a Aliança Democrática definir a data do comparecimento do ministro.

Ao justificar a iniciativa, o senador Afonso Camargo disse ter a impressão de que o grande problema do Brasil, no momento, é a crise da desinformação. Segundo ele, o sistema produtivo não consegue funcionar sem estar bem informado sobre a política econômica do governo, de modo a poder atuar segundo as diretrizes oficiais.

